



O MEDO DO CRIME E A MUDANÇA DO COTIDIANO

Cyro de Souza Neto ¹

RESUMO

Diversos autores argumentam sobre a gravidade do crime no Brasil que, por sua vez, provoca significantes impactos negativos sobre a população, modificando o comportamento individual e afetando o direito de ir e vir dos cidadãos através do medo de ser vitimada.

Dentro do contexto de medo do crime, entender como a informação se dissemina e alcança os confins da sociedade assume um papel de destaque. O que é interessante perceber é que seja partir de um problema real ou imaginário, o medo do crime se fortalece a partir de informações espalhadas em diversos meios de comunicação.

Dessa forma, a busca pela segurança tem como efeito o comprometimento da qualidade da vida urbana. Nesse sentido, esse trabalho analisa como o medo do crime tem relação com a alteração do cotidiano e das características urbanas.

No que diz respeito às questões metodológicas, optou-se por realizar reflexões sobre teorias que legitimam e dão suporte para a construção deste trabalho.

Palavras-chave: Criminalidade, segurança, espaço urbano, sociedade.

RESUMEN

Varios autores argumentan sobre la gravedad de la delincuencia en Brasil, que, a su vez, provoca importantes impactos negativos en la población, modificando el comportamiento individual y afectando el derecho de los ciudadanos a salir del miedo a ser victimizados.

En el contexto del miedo a la delincuencia, la comprensión de cómo la información se difunde y llega a los confines de la sociedad juega un papel destacado. Lo interesante de notar es que, ya sea que se base en un problema real o imaginario, el miedo a la delincuencia se ve reforzado por la información difundida a través de diferentes medios.

Así, la búsqueda de seguridad tiene el efecto de comprometer la calidad de vida urbana. En este sentido, este trabajo analiza cómo el miedo a la delincuencia se relaciona con el cambio en la vida cotidiana y las características urbanas.

En cuanto a cuestiones metodológicas, se decidió realizar reflexiones sobre las teorías que legitiman y sustentan la construcción de este trabajo.

Palabras clave: Delincuencia, seguridad, espacio urbano, sociedad.

¹ Graduado em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário Maurício de Nassau – PE, Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo – SP, Doutorando do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – SP cyros1@usp.br;



INTRODUÇÃO

Diversas áreas do conhecimento têm lançado esforços na busca pela compreensão do fenômeno da criminalidade, expandindo os horizontes sobre a temática. Junto a isso diversos autores argumentam sobre a gravidade do crime no Brasil que, por sua vez, provoca significantes impactos negativos sobre a população, modificando o comportamento individual e afetando o direito de ir e vir dos cidadãos (Brantingham e Brantingham, 1995; Kim, LaGrange e Willis, 1996; Cerqueira, 2019).

É inegável que a criminalidade é um problema relevante para sociedade. Esse tema frequentemente aparece nas páginas de jornal e noticiários de TV, mostrando o quão presente está em nossa sociedade. A Pesquisa de Opinião Pública Viver em São Paulo, realizada pelo IBOPE em janeiro de 2021, trouxe resultados surpreendentes. As pessoas foram questionadas sobre o que mais as incomodava na cidade de São Paulo, e as evidências revelam que a “violência e criminalidade” é apontada por quase 50% dos respondentes como sendo o aspecto mais negativo da capital paulista. Chama atenção a diferença em relação ao segundo item reportado, “desigualdade e injustiça social”: cerca de 38 pontos percentuais. Isso mostra o quão relevante é a questão da criminalidade para as pessoas que residem na capital paulista.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, o caminho escolhido para elaboração deste trabalho foi realizar um estudo profundo de teorias e informações e observar como o crime pode influenciar nas modificações urbanas, arquitetônicas e no dia a dia da população. Objetivando balizar as inquições do trabalho optou-se por realizar reflexões sobre teorias que legitimam e dão suporte para a construção deste trabalho. Tal estudo teve também como alicerce análises, geográficas, sociais para justificar os questionamentos levantados, buscando compreender como o crime interfere de forma direta no cotidiano e na paisagem urbana.



REFERENCIAL TEÓRICO

“O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; (...) quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos à nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance.” (Bauman, 2008, p.50).

O medo do crime e seus efeitos no comportamento das pessoas e, particularmente, suas consequências do ponto de vista da arquitetura urbana é um dos assuntos mais intrigantes dentro da literatura. Para Bauman (2008) o medo é algo difuso, disperso, flutuante e, portanto, de difícil mensuração. Mas isso não impede de afirmarmos, sem qualquer tipo de dúvida, que o medo de ser vitimado existe e possui consequências relevantes dentro do contexto social e urbano.

Pensando em autodefesa, as pessoas passam a se isolar cada vez mais. Isso tem como efeito final mais medo e confusão (Caldeira, 2000). Nesse sentido, o aumento do isolamento social cresce, alimentando as péssimas condições de sociabilidade e o aumento da insegurança.

Dentro do contexto de medo do crime, entender como a informação se dissemina e alcança os confins da sociedade assume um papel de destaque. O que é interessante perceber é que seja partir de um problema real ou imaginário, o medo do crime se fortalece a partir de informações espalhadas em diversos meios de comunicação, aplicativos, redes sociais, televisão, jornais e etc. Que tipo de reflexão podemos fazer em relação a tal evidência?

A enxurrada diária e contínua de notícias relacionadas ao crime ao qual a população está exposta junto à ineficiência das políticas públicas de combate ao problema alimenta o imaginário do medo na população. Cabe salientar que em outras circunstâncias o problema do crime é exacerbado de tal forma que se explora o tema da violência de maneira perigosa como forma de atrair o telespectador. Isso potencializa o sentimento de pânico e impotência na sociedade (Pimentel *et al.*, 2017; Lefebvre, 1983).



Atualmente, o *smartphone* se transformou quase que uma extensão do ser humano, garantindo o acesso da população a um volume de informação até antes inimaginável. Tudo isso disponível a apenas um clique. Se com o avanço tecnológico (entendido aqui como o aumento no uso do *smartphone* e de suas tecnologias relacionadas) e sua ramificação na sociedade as pessoas passaram a ter acesso a conhecimento, por outro lado estão mais sujeitas ao problema das *fake news*, que podem contribuir para alimentar um medo exagerado do crime. Dessa maneira, esse “espaço comunicacional”² pode materializar uma sensação irreal de medo na população, criando uma multiplicidade de interpretações da realidade. A crescente imagem, real ou irreal, do crime assusta grande parte da população, o que faz surgir ações preventivas contra a violência. Portanto, o poder do discurso mostra sua força e é a forma mais utilizada como meio de dominação de uma sociedade³.

Assim, coloca-se em destaque o poder da fala, ou do discurso, argumento levantado por Lefebvre (1983) que descreve a palavra como forma de amenizar ou agravar um problema. Vale deixar claro que não estamos afirmando que os casos de crimes sejam fatos irreais, mas reforçamos o problema do discurso usado de forma irresponsável criando visões equivocadas associadas informações sobre insegurança. Esse é um ponto chave para compreendermos como essas informações influenciam o modo que as pessoas usam e vivem no espaço urbano.

O resultado disso é o surgimento de várias informações sobre ações reais e irreais constituídas a partir das experiências de outras pessoas criando uma realidade imaginativa, de tal forma que as pessoas formam uma percepção de si como alvos atrativos de criminosos (Borges, 2013). A partir disso, há uma soma de comportamentos seguidos na tentativa de evitar uma vitimização, como por exemplo, utilizar certos horários para caminhar em zonas urbanas, evitar determinadas ruas e trechos da cidade e até abandonar zonas consideradas como perigosas ao o uso (Lira, 2017; Souza, 2008; Nery, 2016; Brites, 2010; Souza Neto, 2019; Bauman, 2009; Oliva e Salgado, 2020).

² Oliva e Salgado (2020) descrevem espaço comunicacional como algo que é produzido pela conectividade informacional que possibilita que um evento qualquer resulte em efeitos sistêmicos quase instantâneos, cujas consequências podem se materializar bem longe de sua fonte.

³ Para Lefebvre (1983), o poder da palavra é utilizado como forma de controle social como forma de dominação de povos. Neste caso em especial a palavra ou discurso é usado por um mercado de mídias sensacionalistas ou *fake news* para atingir o imaginário popular com informações de medo.



Nesse sentido, conviver com a sensação de medo do crime tornou-se algo comum e se banalizaram as ações para preservar a vida diante de uma possível escalada da criminalidade⁴. Passou a ser usual o ato de se evitar carregar objetos de grande valor ao caminhar nas ruas e de se encontrar um provável suspeito a cada esquina (Bauman, 2001; Andrade e Lima, 2007). Os autores sugerem que as cidades deixam, devido ao medo, de ser um espaço da comunidade e vai se dividindo e a população, que tende a se distanciar:

“Os medos contemporâneos, os “medos urbanos” típicos, ao contrário daqueles que outrora levaram à construção de cidades, concentram-se no “inimigo interior”. Esse tipo de medo provoca menos preocupação com a integridade e a fortaleza da cidade como um todo (...) do que com o isolamento e a fortificação do próprio lar dentro da cidade. Os muros construídos outrora em volta da cidade cruzam agora a própria cidade em inúmeras direções.” (Bauman, 2001, p.20)

Informações relativas à ocorrência de crimes e que são disseminadas de maneira equivocada podem criar nas pessoas a ideia de que todos os lugares da cidade são inseguros (Nery, 2016; Feiguin, 1995). Como reflexo de como essa situação de temor do crime se espalhou de forma danosa na sociedade é o fato de que algumas patologias clínicas⁵ associadas com o medo de ser vitimado são constantemente encontradas em consultórios de atendimento psicológico em moradores de grandes cidades. O medo é visto como sistema de leitura que envolve uma avaliação de risco em diversas situações que leva o indivíduo a desenvolver comportamentos de cautelas extremos (Souza, 2008; Adorno, 1996). Sendo assim, o medo e a sensação de insegurança, real ou irreal, são elementos importantes responsáveis pela transformação e/ou inutilização de zonas da cidade, que de acordo com Souza (2008):

⁴ Vale ressaltar que existe uma representação social é um senso comum de que a cidade é perigosa e que as pessoas precisam se proteger, mas há muito de irrealidade nisso, mesmo porque, segundo Bauman (2009), a escalada do medo do crime nas cidades pode ser uma sensação não real de algo que gera o pânico na sociedade.

⁵ Segundo Nery (2016), alguns indivíduos abordados em sua pesquisa sobre o medo urbano, tiveram problemas como a síndrome do pânico, fobia de sair de casa, insônia e falta de concentração, devido a fatores psicológicos, no que se refere ao medo do crime.



(...) É como se a “geografia do medo”, baseada em um sentimento de insegurança que muitas vezes, pode descolar-se em parte da incidência objetiva dos crimes violentos, se superpusesse à “geografia da violência” mais ou menos “objetiva”. Um medo generalizado, ainda que matizado também ele (de acordo com a classe, a cor da pele, a faixa etária, o sexo e o local de residência), toma conta de corações e mentes, recondicionando hábitos e deslocamentos e lazer, influenciando formas de moradia e habitat e modelando alguns discursos padrão sobre a violência urbana. (Souza, 2008, p. 37).

Em suma, o medo do crime cria uma sensação de pânico, às vezes sem causa clara, no qual o indivíduo possui receio em ser uma potencial vítima, sendo essa reação emocional motivada por uma sensação real ou irreal de perigo. As pessoas começam, então, a elaborar estratégias para não perder itens de valor (Lourenço e Lisboa, 1992; Brites, 2010). Portanto, os indivíduos se predispõem a portar produtos de baixo valor como forma de minimizar as perdas decorrentes dos atos criminosos, funcionando como uma espécie de seguro contra crimes (Souza Neto, 2019; Brites, 2010).

A literatura também destaca que os indivíduos compartilham um mecanismo de defesa, que oscila entre a fuga ou a agressão (Bauman, 2008). Dessa forma, um ponto interessante se refere à autoproteção individual, o que nos remete aos diversos casos de morte por reações de vítimas a um assalto⁶.

É com base nessas ideias que se pode argumentar que parcela da população urbana, pelo medo de ser vitimada, inicia um processo de negação da cidade. Com essa negação vivemos sob o paradigma “imunológico”, em que a autodefesa vai além dos muros (Cavalcanti e Monteiro, 2017; Wellausen, 2016). Essa imunologia consiste em um sentimento de medo e desconfiança do que é desconhecido. As pessoas passam a desconfiar de todos, mesmo que não exista nenhuma evidência de intenção hostil ou perigo claro (Han, 2015). Dessa forma, a desconfiança cria barreiras invisíveis que separam as pessoas pela perspectiva de que um desconhecido pode ser uma ameaça. Bauman (2008).

⁶ Lagrange (1996) aprofunda essa afirmação quando argumenta que o indivíduo tem seu comportamento alterado em uma situação de perigo.



Podemos enxergar esse argumento de negação da cidade ao verificar que o modo de vida da população passou por profundas transformações ao longo do tempo (Oliva, 2016). Se antes era possível reunir os familiares e vizinhos na frente de suas residências para simplesmente conversar sobre algo, tal comportamento hoje é raro. A criminalidade e as consequências nefastas associadas com o crescimento urbano impedem o estabelecimento das relações interpessoais ocorram na sociedade contemporânea.

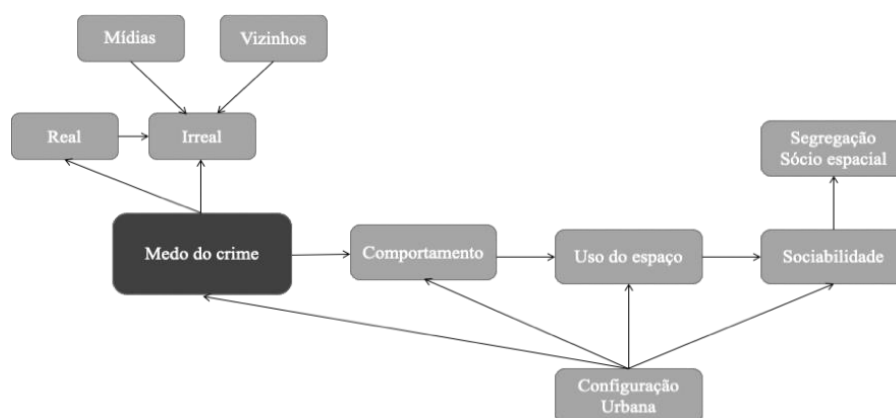
Com a existência de diversos obstáculos, muitos habitantes das grandes cidades hoje cogitam, inclusive, a ideia de sair da cidade (ao menos das maiores) buscando de uma vida mais saudável: constata-se um aumento no desejo de usufruir uma vida mais calma e com menos problemas tipicamente presentes nas grandes centralidades. Aqui vale um comentário provocativo. Dentro do contexto pandêmico que teve início (no Brasil) em março de 2020, e tendo em perspectiva a adoção de medidas sanitárias de combate ao Covid-19, o distanciamento social e a ampliação do regime de trabalho de *home-office* trouxeram como consequência uma nova relação do indivíduo com o lar em que reside. Surgiu uma necessidade por mais espaço, ambientes adequados para realizar as reuniões *on-line* do trabalho, maior desejo de contato com a natureza. Algumas pessoas, ao menos aquelas com capacidade financeira para tal, optaram por trocar de residência, inclusive se dirigindo para áreas menos centrais da cidade ou até mesmo indo em direção a cidades menores. Parece claro que não podemos assegurar se essa tendência irá permanecer quando a pandemia terminar, mas essa dinâmica mostra o quanto a população está descontente nas grandes cidades, e, sem sombras de dúvidas, o medo do crime nas metrópoles é um dos fatores que contribuem para aprofundar esse sentimento⁷.

O que parece claro a partir dessa discussão é que a crença criada pela população de que a qualquer momento pode ser vitimada modifica a forma de uso da cidade e de sociabilização. Dessa forma, as pessoas afetadas pela “doença” do medo e da desconfiança constituem uma imagem de um potencial criminoso a partir de uma

⁷ Acreditamos que temos uma extensa avenida de pesquisa em relação a essa questão, mas que foge ao escopo dessa tese. Apenas para citar algumas questões intrigantes: Por exemplo, até que ponto esse comportamento em direção a regiões menos centrais da cidade se deve a adoção do *home-office* ou redução da renda, devido a perda de emprego decorrente da pandemia? Como os efeitos pandêmicos de espalham ao longo da estrutura social e como isso se relaciona com a desigualdade social?

construção de estereótipos relacionados a um elemento ou a um comportamento suspeito. Borges (2011) argumenta que “(...) a sensação de que está desprotegido varia de maneira paralela, mas não coincidente com o risco de vitimização.” Portanto, o discurso do medo origina um efeito adverso na sociedade, que é importante refletir, pois é possível que o medo relacionado ao crime tenha uma importância maior do que as próprias estatísticas em si.

Figura 1: Esquema conceitual sobre o medo do crime



Fonte: Autor. Elaboração própria

Podemos resumir nossa discussão através do esquema analítico acima. A Figura 1 mostra que o medo do crime tem o potencial de modificar o comportamento das pessoas em várias dimensões, inclusive no tocante a forma como se utiliza a cidade. Isso por sua vez tem relação direta com a construção de laços sociais e condições de sociabilidade, que fragilizadas, acabam se refletindo na questão da segregação sócio espacial. Todos esses elementos se relacionam com aspectos do ambiente urbano, que atua como um pano de fundo ao longo desse processo, tendo inclusive papel relevante na retroalimentação do medo do crime, seja ele real ou não. Temos, assim, uma análise do desenho teórico de um ciclo perverso de como o medo do crime se relaciona com a configuração do espaço urbano. Por fim, esse medo do crime está associado com vários problemas nas grandes cidades que fortalecem ainda mais o problema da violência.

Devido à questão da criminalidade, as pessoas, além de modificarem o seu cotidiano, transformam o espaço ao seu redor demarcando-o em zonas “militarizadas”.



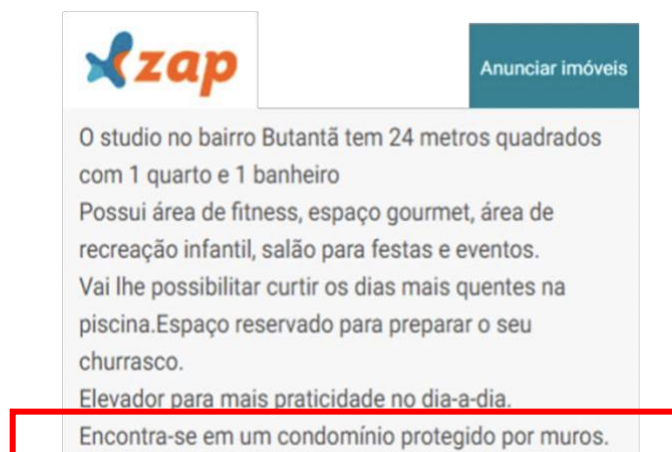
Essas zonas são áreas marcadas pela presença de cadeados, muros, barreiras que vão em direção oposta aos padrões arquitetônicos tradicionais. Entretanto, essas construções possuem características que lembram cidades medievais: o que deveria garantir a segurança só agrava o problema.

A militarização dos espaços públicos, consequência do uso massivo da “arquitetura do medo”, está vinculada com uma sensação de paz para aqueles que moram na região, mas temos forte convicção para acreditar que esse efeito não é algo real, nem ao menos duradouro ao longo do tempo. Na nossa visão, fora desses ambientes fortificados, as pessoas (que nele residem) tendem a achar que estão sob risco de vida. Se elas vivem sempre em ambientes protegidos, a confiança se deposita nos sistemas de segurança (geralmente tecnológicos e não-humanos), logo o outro aparece sempre como possível agressor/inimigo. Por outro lado, quem vive em espaços públicos abertos têm a confiança associada com o convívio depositada nos outros membros da sociedade. Note que são situações completamente diferentes.

Os espaços militarizados trazem em seu bojo dificuldades para o aprofundamento da coesão social, algo tão importante para estimular a vitalidade urbana, e aumentar o bem-estar da sociedade, inclusive do ponto de vista do crime. O que parece emergir dessa discussão é que a criminalidade também adquiriu características especiais mais concretas, ou seja, não se trata apenas de um fenômeno que acontece sobre o espaço, mas também transforma o espaço.

Em vista do que foi abordado, e de um ponto de vista mais abrangente, o medo do crime é explorado por um mercado que vende a ideia falsa de paz e tranquilidade através de modificações espaciais. Isso pode ser visto de forma empírica em anúncios de imóveis nos portais imobiliários na internet. A Figura 2 abaixo apresenta um caso curioso: um corretor descreveu as características e vantagens de adquirir o imóvel, e colocou como ponto positivo o fato de que “Encontra-se em um condomínio protegido por muros”. Isso revela o quão o mercado imobiliário se apropria do medo do crime em seu benefício próprio. Condomínio protegido por muros assume um papel positivo na captação de novos clientes, reforçando essa característica como algo positivo e desejável em um imóvel.

Figura 2: Anúncio de imóvel na região do Butantã⁸



Fonte: Portal Imobiliário ZAP Imóveis⁹. Grifo do autor.

Para finalizar a discussão é importante comentar sobre os modelos de planejamento urbano atual, que são pensados tendo como pano de fundo um viés mercadológico que usam o discurso baseados no medo da vitimização como modo de vender a ideia de segurança (Vainer *et al.*, 2000). A figura acima destaca o que foi comentado.

Dessa forma, assistimos a uma imposição mercadológica baseada no medo do crime, que está inserida constantemente no subconsciente das pessoas, como pode ser visto no quadrinho de Dahmer (Figura 3).

Figura 3: “Encontro Anual dos Donos do Mundo”



Fonte: <http://www.malvados.com.br/donosdomundo/donodomundo>.

⁸ Bairro localizado na Zona Oeste de São Paulo.

⁹ Acesso em 22/05/2021. Disponível em: <https://www.zapimoveis.com.br/imovel/venda-studio-1-quarto-com-piscina-butanta-zona-oeste-sao-paulo-sp-24m2-id-2518694602/>



Assim, o avanço desse fenômeno é marcado por ações institucionalizadas pelo mercado imobiliário e pela ausência de políticas sociais que garantam a população condições ímpares para se viver de forma segura nas grandes cidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As evidências ainda revelam que a busca pela sensação de segurança tem como efeito não desejado, na maioria dos casos, a transformação dos espaços urbanos em locais hostis. É possível admitir que a cultura do medo, modifica os hábitos e a forma de uso das cidades, levando comprometimento da qualidade da vida urbana. A lógica que esse trabalho destaca que quanto mais crime e o medo do crime, maior é chance de mudança de comportamento das pessoas em relação ao urbano, que por sua vez estão associados com o surgimento da “anti-arquitetura”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devemos reconhecer o caráter multidisciplinar do fenômeno da criminalidade. Isso quer dizer que existem múltiplos fatores vinculados com a ocorrência do crime, e que por isso, uma abordagem conjunta com outras áreas do conhecimento é fundamental. Nessa linha de raciocínio, qualquer tipo de ação de combate à criminalidade deve ser pensado de forma integrada, envolvendo, por exemplo, questões relacionadas aos aspectos econômicos, sociais, culturais e também do desenho urbano. Esse último elemento é o foco desse estudo, porém não se deve acreditar que apenas políticas direcionadas com a morfologia e arquitetura urbana serão suficientes para superar o problema do crime, algo tão complexo. Isso é algo que deve ser destacado.

Nosso argumento aqui, e uma das contribuições do estudo, é discutir a relação entre medo do crime, questões urbanísticas e criminalidade, que aliada com outras políticas pode conduzir a soluções mais eficientes para um tema tão caro a sociedade brasileira. Estamos, então, buscando enriquecer o estoque de ferramentas que governos e a sociedade em si podem utilizar para combater a criminalidade urbana.



REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

BORGES, Doriam. *O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: um análise sob a perspectiva das crenças de perigo*. Editora Appris, 2011.

BORGES, Doriam. *Vitimização e sentimento de insegurança no Brasil em 2010: teoria, análise e contexto*. *Mediações-Revista de Ciências Sociais*, v. 18, n. 1, p. 141-163, 2013.

BRANTINGHAM, Patricia L.; BRANTINGHAM, Paul. *Crime generators and crime attractors*. *European Journal on Criminal Policy and Research*, v. 3, n. 3, p. 5-26, 1995.

BRITES, José Almeida. *Percepção de risco e medo do crime na caracterização do espaço físico e social*. *Psychologica*, n. 52-I, p. 315-325, 2010.

CAVALCANTI, Rafaella dos Santos, MONTEIRO Circe. *Espaço e crime: desvendando a lógica dos padrões espaciais de crimes urbanos no bairro de Boa Viagem*, Recife-PE, 2017.

CERQUEIRA, Daniel Ricardo de Castro et al. *Atlas da violência 2019*. 2019.
DO RIO CALDEIRA, Teresa Pires. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34, 2000.

FEIGUIN, Dora; LIMA, Renato Sérgio de. *Tempo de violência: medo e insegurança em São Paulo*. *São Paulo perspect*, p. 73-80, 1995.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes Limitada, 2015.

KIM, Sangmoon; LAGRANGE, Randy L.; WILLIS, Cecil L. *Place and crime: Integrating sociology of place and environmental criminology*. *Urban Affairs Review*, v. 49, n. 1, p. 141-155, 2013.

LEFEBVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoria de las representaciones*. Trad. Fondo Nacional de Cultura. 1983.

LIRA, Pablo. *Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade violenta e das instâncias urbanas*. Letra Capital Editora LTDA, 2017.

NERY, Marcelo Batista. *Crime e violência no cenário paulistano: o movimento e as condicionantes dos homicídios dolosos sob um recorte espaço-temporal*. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.



OLIVA, Jaime Tadeu; FONSECA, Fernanda Padovesi. O “modelo São Paulo”: uma descompactação antiurbanidade na gênese da metrópole. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 65, p. 20-56, 2016.

OLIVA, Jaime; SALGADO, Luciana Salazar. Espaço comunicativo e fratura social, 2020.

PIMENTEL, Carlos Eduardo; GUNTHER, Hartmut; BLACK, Peter Ulrich Vieth. Acessando o medo do crime: Um survey por meio da internet. Psicologia Argumento, v. 30, n. 69, 2017.

SOUZA NETO, Cyro de. Desenho urbano e criminalidade: uma análise para as regiões do Largo da Batata e Largo Nossa Senhora do Ó-São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2019.

SOUZA, Marcelo José Lopes. Fobópole: o medo generalizado e a militarização da questão urbana. Bertrand Brasil, 2008.

VAINER, C. A cidade do pensamento nico. Petrópolis, Vozes, 2000.